

Capítulo 1

11 de Janeiro

«A mãe, a bruxa, a amante, a filha pequenina.»

Mais tarde, muito mais tarde, Tom dir-lhe-ia:

«Estás cansada de ser tantas coisas para tantas pessoas...»

Mas naquele momento olhava-a com uma irritação mal dissimulada.

A mulher era muito bela. Os olhos cinzentos, frios, o cabelo louro-escuro, preso na nuca. A saia estreita, os sapatos pretos, eram convencionais, mas a blusa tinha três botões abertos, o que deixava pressentir o começo dos seios pequenos.

Tom deixou o olhar prender-se nos seios, nas pernas bem feitas. O rosto dela não se alterou, apenas o pé esquerdo balançou ligeiramente, num movimento cadenciado.

Uma estranha.

Uma mulher com quem não queria ter qualquer espécie de intimidade. A distância entre eles era enorme, sentados em frente um do outro, naquele quarto desconhecido.

Mais tarde, não conseguiria lembrar-se de um tempo em que aquele quarto não fizera parte da sua vida. Teria a impressão de que esta decorrera, desde sempre, naqueles dois espaços: a casa

(a sua, junto ao mar) e o compartimento com as paredes forradas de livros e as poltronas de couro castanho, a secretária com papéis acumulados, os cortinados brancos, as plantas na varanda.

Mais tarde, teria a impressão de que a reconheceria no primeiro instante em que a vira, mais tarde... quando já não era possível separar a imaginação dos factos, a memória do desejo.

Eram quatro e doze mas começara a escurecer, a chuva não devia estar longe. Há alguns dias que o mau tempo se fazia sentir, tornando a ilha mais pequena, mais violenta, mais negra.

Nenhum deles falava. O silêncio prolongava-se já por alguns minutos e ele perguntava a si mesmo se isso fazia parte do jogo.

«Não serei eu a mover a primeira peça...»

Um tabuleiro de xadrez. Peças negras e brancas.

Ele estava do lado das trevas.

Passou a mão pelos olhos.

O jogo já começara.

E sim, o silêncio fazia parte dele.

De repente a voz dela soou no vazio e Tom teve de fazer um esforço para entender as palavras.

— Não me quer falar do que aconteceu?

— Do que aconteceu?

Ela não disse nada.

— Por que quis destruir as minhas telas?

— Sim — disse a mulher.

Tom pensou vagamente que era por isso que estava ali, que não o deixariam em paz enquanto não explicasse...

Como se tivesse de explicar alguma coisa.

Encolheu os ombros.

— Não sei.

As palavras dela soaram firmes, tranquilas.

— Porque se quer destruir a si mesmo.

— Elementar, meu caro... — murmurou.

— Como?

Apeteceu-lhe dar uma resposta irónica, agressiva. Mas percebeu que estava cansado.

— Não é assim tão simples.

Ouviu-se um trovão ao longe e começou a chover. Ela levantou-se com gestos tranquilos e foi fechar a porta da varanda. De repente ficaram ainda mais sós.

Ela sentou-se, acendeu um cigarro, os seus olhos perderam-se nos livros das estantes. Tom perguntou a si mesmo que idade teria. Não aparentava mais de vinte e quatro, vinte e cinco anos. Mas aquelas ruguinhas na testa, nos cantos dos olhos... Intuiu que ela tinha a mesma idade que ele. Pela mesma razão por que tinham ambos cabelo louro-escuro, olhos cinzentos e aquela beleza sombria... Mas nela tudo era controlado, os movimentos, a forma de pensar, enquanto nele tudo estava ainda em estado selvagem, em turbilhão.

Nele tudo era caos. Fragmentos. Nela havia unidade... ou seria só aparência?

Cravou as unhas na palma da mão.

Aquela mulher era uma estranha, não sabia nada dela.

Não queria saber.

Ela repetiu a última frase:

— Não é assim tão simples?

Tom pensou «suponho que queria continuar vivo». Mas não o disse. A irritação voltara.

— Você sabe que é uma... intrusa.

Uma maldita intrometida.

Ela não pestanejou.

— Talvez neste momento.

— E depois?

Um leve sorriso.

— Não sei. Quem quer você que eu seja?

— Teatro. E você pode interpretar todos os papéis — disse Tom pensativo.

O sorriso dela pareceu-lhe um pouco crispado.

- No teatro da sua mente...
- No teatro da minha mente...
- No teatro da sua mente eu posso representar todos os papéis. E serei perfeita em cada um deles.

Tom recostou-se para trás. Continuava a chover, aquela maldita chuva, aquela maldita noite...

«Mas são quatro e meia.»

Aqueles malditos dias em que não chegava a amanhecer. Claro que no Paul era pior, eram dias em que se podia morrer.

Olhou a mulher bem nos olhos.

— No teatro da minha mente você pode ser a mãe boa, a bruxa má, a filha pequenina que não tenho, que nunca terei, a mulher que vi uma vez numa estação de caminho-de-ferro e que, sem o saber, foi a pessoa mais importante da minha vida...

— *Citizen Kane* — disse ela tranquilamente.

Nos olhos cinzentos, uma leve, muito leve, centelha de ironia.

Uma leve cumplicidade.

Tom sorriu.

— Suponho que me acontece muitas vezes. Falar das situações através de filmes, de histórias.

— Porquê?

— Por que não?

Ela calou-se.

— Gosto de falar de filmes, de quadros, de livros.

— Não quer falar de si?

— É o que faço. Quem lhe diz que há algo mais?

A mulher acendeu um cigarro. O isqueiro era um *Bic*. Tom apercebeu-se de que não usava qualquer jóia, além de um fio de prata, muito fino, à volta do pescoço.

— O que há atrás das imagens, das palavras, das histórias?

— Nada. É esse o material de que sou feito. Suponho que mesmo a minha infância... a minha memória... é feita disso: de gravuras, de filmes a preto e branco, de livros.

Mulheres, pássaros e estrelas, um anjo esquecido; Humphrey Bogart acendendo um cigarro; Ingrid Bergman descalça com flores no cabelo; «A noite era jovem e ele também...»; «A garota que ocupava o lugar à frente do meu, na terceira classe, chamava-se Millie Adams».

Ela abanou a cabeça.

— Não.

Tom vagueou o olhar pela sala.

Livros técnicos, alguns objectos (obviamente brindes de laboratórios), um calendário com a reprodução de um Matisse e publicidade a um medicamento por baixo, uma faca para abrir livros, uma jarra de flores secas.

Rosas secas.

— E você? Quem é você?

A mulher teve um leve sobressalto. Depois o sorriso habitual.

— Disse-o há pouco.

— Como?

— A mãe boa, a bruxa má, o amigo imaginário das suas brincadeiras de criança...

— O homem da areia?

— Sim. E a filhinha que nunca teve...

— A amante?

— A amante.

Ele ficou pensativo por instantes.

— É uma violência.

— Sente isso como uma violência?

— Estava a pensar em si.

— Em mim?

Ele baixou a voz.

— Por momentos... você transformou-se numa imagem do vazio.

Ela olhou para o relógio de pulso e levantou-se.

— Até segunda-feira, Tom.